



RESISTIR PARA RE(EXISTIR): REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE RESISTÊNCIAS POR ESTUDANTES GAYS NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Jaime Peixoto¹

Resumo

Este artigo, fruto dos resultados de uma pesquisa de mestrado em educação, tem por objetivo investigar os modos inventivos que jovens dissidentes das normas de gênero produzem resistências e enfrentamentos às práticas comumente nomeadas como homofóbicas no espaço escolar. Tendo como embasamento a perspectiva pós-crítica, utilizo do pensamento de autores como Michel Foucault ao elaborar minhas reflexões sobre a evidenciação dos processos de criação de estratégias de resistências, escapes, subversões e deslocamentos. Tendo em mente a já constatada realidade de que jovens gays são vítimas de homofobia nas escolas, busca-se neste artigo, evidenciar o outro lado da questão, a saber, as resistências que tais sujeitos engendram dentro das relações de forças envolvendo a vivência transgressora do gênero e da sexualidade no meio escolar.

Palavras-chave: Resistência, jovens gays, escola.

Introdução

Este artigo busca problematizar as condições de possibilidades que permitiram que as estratégias de resistências dos alunos gays se convertessem em efeitos concretos e, principalmente, subjetivos nos processos de enfrentamento à possíveis aspectos de discriminação ocorridos na escola. Para tanto, utilizou-se da internet como local e instrumento de pesquisa para a produção de meu material empírico. Assim, usei o método da Entrevista Narrativa On-line, conforme utilizada por Jeane Félix (2012). Os sujeitos foram selecionados por indicação. Através do Facebook, estabeleci contato com alguns conhecidos que, por sua vez, me apresentaram virtualmente a alguns jovens gays de diferentes estados do país (Ceará, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais). Foram contatados 10 jovens gays do sexo masculino, dos quais 9 estudaram em escolas públicas.

¹ Doutorando em educação-FAE/UFMG, mestre em educação (FAE/UFMG), jaimepeixotoufmg@gmail.com
Mais informações: PEIXOTO, Jaime. A produção de resistência por alunos gay no contexto da escola de ensino médio. Dissertação de mestrado – FAE/UFMG, 2016.





As entrevistas que compõem o *corpus* deste trabalho foram realizadas dos meses de julho à outubro de 2015. É importante que se diga que as entrevistas não foram feitas numa única ocasião. Foram precisos alguns encontros virtuais para concluir algumas delas, isso porque muitos participantes se ausentavam das redes, não retornavam contato ou não estavam on-line no horário marcado, fazendo com que fosse preciso remarcar muitas das entrevistas, prolongando o período de feitura das mesmas. Procurou-se com a sistematização do material coletado traçar um panorama das experiências relatadas pelos jovens participantes, buscando evidenciar de que formas os entrevistados produziram enfrentamentos, resistindo às discriminações que ocorrem no espaço escolar.

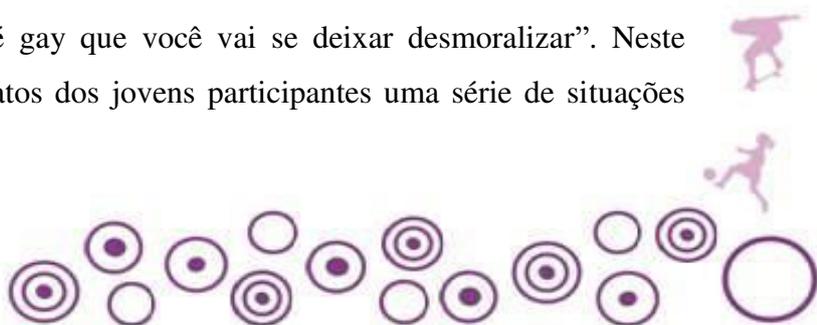
As estratégias de resistências na pesquisa: o deslocamento do discurso agressor como forma de re(existir) nas relações de poder na escola

A partir das entrevistas realizadas foi possível identificar estratégias que foram entendidas aqui como movimentos efetivos de resistências à lógica do poder deslegitimador das chamadas sexualidades embaraçosas. Cada uma delas desmantela de forma diferente o jogo de poder, criando condições necessárias para a vivência e evidenciação do comportamento homossexual como algo legítimo. Entretanto, devido aos limites de páginas deste artigo, discorrerei apenas sobre uma.

Um movimento identificado como uma estratégia que visa resistir às situações de discriminação foi nomeado por mim de “deslocamento do discurso agressor”. O que isto, de fato, significa? Bem, ao discorrer sobre isto estou, na verdade, evidenciando a capacidade que alguns dos jovens entrevistados mostraram de reverter o preconceito contra o agressor, muitas vezes, fazendo um uso positivado de discursos e práticas tidas como pejorativas, como nos mostra Anderson Ferrari (2011) quando comenta que

O discurso considerado homofóbico atua para menosprezar o sujeito que dele é alvo, porém, ele também pode ser entendido e utilizado de outra forma, abrindo uma nova possibilidade. Ao ser chamado por um nome se oferece à pessoa certa possibilidade de existência e resistência. (FERRARI, 2011, p. 76).

A possibilidade de resistir, partindo da utilização desses discursos abre um novo campo de análise. Diferente do que, geralmente, tem sido descrito em algumas pesquisas, foi possível observar que os jovens entrevistados não se contentaram com o status que lhes foi atribuído de meras vítimas do preconceito. Pois, como nos disse um dos entrevistados chamado Thiago “não é porque você é gay que você vai se deixar desmoralizar”. Neste respeito, foi possível identificar nos relatos dos jovens participantes uma série de situações





onde a resistência tomou forma através de um uso ressignificado de discursos e práticas deslegitimadoras. Vejamos a seguinte situação relatada por Lucas

... um menino lá do fundo gritou: “essa coca é Fanta”. Eu voltei, olhei para o fundo e disse: “é eu sou Fanta mesmo”. Daí todo mundo ficou de pé e me aplaudiram. Por mais que eu fosse assumido, nem todos tinham contato comigo, eles achavam que eu tinha medo. Depois disso um monte de gente de outras salas veio me dar os parabéns por falar tão abertamente da minha sexualidade. (FALA DE LUCAS).

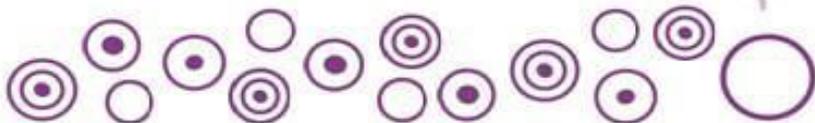
Do relato acima, podemos extrair alguns pontos para consideração. Primeiro, fazer uso dessa estratégia pressupõe uma relação direta com o “assumir-se”. Isso porque, ao que parece “assumir-se”, ou seja, essa auto positivação que se evidencia através da afirmação do comportamento homossexual, constitui-se na condição primeira, possibilitando que o deslocamento do discurso agressor tenha eficiência. Acionar tal estratégia pressupõe uma relação confortável com a própria sexualidade, de modo que, diante de situações de discriminação, invés do discurso pejorativo causar constrangimento ao jovem gay, será utilizado por este como contra-ataque, visando despotencializá-lo nas suas bases.

Tal estratégia contribui para o rompimento com a ideia de que, nas relações de poder envolvendo a sexualidade na escola, tais jovens estariam em situação de desvantagem, sendo vistos, muitas vezes, como incapazes de produzir mudanças nesta realidade. No entanto, quando o jovem gay, ao ser afrontado, adentra na lógica do agressor e a subverte, na sua essência, na sua base, ele está mostrando a quem interessar que, podem ser igualmente produtores de movimentos ativos dentro das relações de força. Assim, “falar abertamente da sexualidade” atribui ao sujeito uma série de atributos socialmente reconhecidos como coragem, força, determinação e distanciando-o de adjetivos como medroso, frágil, passivo. Como nos disse um dos entrevistados, “se comportar como vítima só te fará mais fraco” (Fala de Claus). Com isso, torna-se possível construir um panorama das relações de poder onde tais sujeitos são evidenciados como possuidores de grande “poder de fogo”.

Dito isto, voltemos a ideia de contra-ataque que está subentendida no deslocamento do discurso agressor. Sobre este ponto, Lisete Bampi (2002) comenta que a resistência

pode inventar novas regras enquanto ocupa um lugar sobre o tabuleiro de xadrez ou desempenhando o jogo adversário”. Mas este tipo de invenção requer estratégias: “a arte de pegar emprestado, de imitar, de substituir”. Prover uma resposta “é roubar e adequar, novamente, as armas dos adversários, virando-as do avesso como uma luva e oferecê-las de volta. (BAMPI, 2002, p. 143).

Assim, a capacidade que a resistência possui de “virar o jogo contra o adversário”, pegando suas armas emprestadas e utilizando-as contra ele, nos lembra que, quando se trata de relações de poder, sempre é possível empreender movimentos inventivos que abalem suas





estruturas. Estes podem abarcar, inclusive, estratégias que foram produzidas visando reiterar a lógica do poder vigente, mas que, sob determinadas circunstâncias, podem ser reapropriadas, sendo utilizadas contra o poder, em processos de enfrentamento ativos. Vejamos como isso funciona na prática, ao observar os seguintes relatos

Depois de um tempo sempre arrumava uma resposta à altura. Se brincavam ou riam da minha cara, eu fazia com que a pessoa que fez isso fosse o motivo da piada. Várias vezes no intervalo, alguém de outra sala vinha falar absurdos pra mim, mas eu apenas ria da cara dele, fazia alguma piada sobre a aparência dele ou sobre a própria situação. Ficava aquela história de quem dá a última risada. Vinham rir de mim, mas acabavam se tornando a própria piada. Várias pessoas me viam como valentão, como se eu praticasse o bullying, quando na verdade só estava me defendendo. (FALA DE CHARLES).

Mais ainda,

Eu penso que para algumas pessoas a melhor forma de se defender é contra atacar. Brincar com as brincadeiras deles, zombar deles também. (FALA DE PABLO).

O que podemos apreender desses relatos? A capacidade de ressignificar as agressões e usá-las como instrumentos de defesa e de ataque pelos jovens gays pesquisados mostrou-se ser uma eficiente forma de fazer frente às discriminações. Isso porque, para além da inviabilização do potencial deslegitimador presente nas chacotas e “brincadeiras” tem, também, o que parece ser uma tomada de consciência por parte desses jovens de que podem, utilizando das mesmas táticas dos agressores, fazê-los, mesmo que por um momento, experimentar o gosto de ser oprimido. Essa mudança nos papéis costumeiramente performados no espaço escolar, deixa evidente o caráter inventivo e desestabilizador que tal estratégia, atrelada ao “assumir-se” pode atribuir ao sujeito que dela faz uso.

Não podemos esquecer que, o “deslocamento do discurso agressor” configura-se num movimento que sinaliza, dentro do jogo de poder presente na escola, para a possibilidade de mudanças na hierarquia do poder. Todavia, seria o caso de apontar para a necessidade de uma supremacia do comportamento homossexual em relação à heterossexualidade? Seria esta a solução para as relações discriminatórias que ocorrem na escola, colocar o oprimido no lugar do opressor? Estou inclinado à acreditar que não! Embora Foucault nos lembre que “a resistência sempre toma apoio na situação que ela combate” (DE II, p. 1560), uma simples inversão de papéis não seria suficiente para transformar a realidade desigual que perpassa as relações envolvendo a sexualidade no contexto da escola de ensino médio. Talvez, seja o caso de reconhecermos que, mais importante do que inverter tais papéis, seria descobrir como produzir tais enfrentamentos e mudanças nas relações de poder sem, necessariamente, reproduzir e perpetuar a lógica deslegitimadora referente aos comportamentos sexuais.





Pode-se observar que, no caso dos jovens pesquisados, a prontidão e disposição em reagir aos enfrentamentos, gera efeitos não só no aluno gay. Estas transformam, inclusive, a forma pela qual o agressor se posiciona nas situações de discriminações. Observemos o que nos foi relatado por Lucas

não me calava, eu encarava eles. Nunca baixei a cabeça. Quando eles furavam a minha fila da merenda me chamando de “viadinho”, eu dizia bem alto: “lá vem eles virando esse “rabão” (Bundão) para mim, só querem entrar na minha frente para isso. Eles tinham medo de me humilhar porque eu sempre tinha resposta pra eles. (FALA DE LUCAS)

O relato acima serve para nos lembrar, como já dito anteriormente, que resistir significa mais do que reagir. É preciso e esperado que a resistência permita a transformação e criação de outras possibilidades de relações, envolvendo a vivência da sexualidade na escola. No caso do trecho destacado, os enfrentamentos produzidos por estes jovens tiveram efeitos não só na forma como os mesmos se reconheciam como gays e evidenciavam isso, mas também, produz no agressor uma série de receios em relação à utilização dos ditos discursos e “brincadeiras” pejorativos, já que, como costumamos dizer “o tiro pode sair pela culatra”, deslocando o agressor de seu lugar na hierarquia do poder.

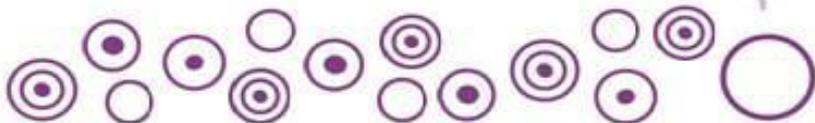
Atrelado questão está o desejo, por parte do jovem gay, de vivenciar a sexualidade de forma segura, sem uma preocupação exacerbada com as expectativas dos outros, como vemos no seguinte relato

Cabeça erguida, sorrisão no rosto e consciência de que gay, mulherzinha ou qualquer outro termo pejorativo não são ofensas pra quem é seguro consigo mesmo. A partir do momento que deixo o outro interferir na minha felicidade eu me vitimizo. (FALA DE LUCAS).

Entendo, assim, que, no final das contas, ao “deslocar o discurso agressor” como estratégia de resistência, o que está em jogo não é somente desestabilizar as relações de poder, mas, principalmente, lutar pela criação de possibilidades de vivências outras da sexualidade, que não sejam constrangidas pela lógica repressora do poder que delegou à heterossexualidade o status de único comportamento legítimo. Assim, fica nítido que tal estratégia tem desdobramentos subjetivos nos sujeitos, bem como nas formas como são construídas as relações de poder referentes à sexualidade dos sujeitos no campo escolar.

Conclusão

A pesquisa revela que a escola ainda faz pouco no que diz respeito à socialização de conhecimentos referentes as muitas formas de se vivenciar a sexualidade, deixando à desejar, inclusive, nos momentos em que espera-se dela uma posição mais arrojada no que tange a reprimir situações de discriminação. Todavia, por outro lado, a escola, em muitas situações,





se posiciona a favor dos jovens agredidos mostrando, assim, que parece sustentar um posicionamento ambíguo onde, num momento ela auxilia tais jovens, noutra ela parece fazer vista grossa às discriminações que ocorrem.

Como consequência deste processo temos sujeitos que precisam aprender a lidar com sua sexualidade levando em consideração esse caráter paradoxal que a escola possui. Indagar sobre o posicionamento da escola se faz importante, pois, o suporte que esta pode vir a dar a um jovem que sofre discriminação tem efeitos na maneira como este vai construir suas próprias estratégias de enfrentamentos.

Com a estratégia do “deslocamento do discurso agressor” do seu lugar negativo e pejorativo, subverte-se o discurso do agressor utilizando-o contra ele mesmo. O tiro, assim, sai pela culatra. Revertendo o potencial constrangedor do discurso contra o próprio agressor, evidencia-se um posicionamento ativo dentro da malha do poder por parte do jovem gay, bem como uma mudança na forma como a agressão é sentida. Agora, esta pode ser igualmente utilizada como contra ataque. A capacidade de compreender as forças das agressões e usá-las como instrumentos de defesa e de ataque pelos jovens gays pesquisados mostrou-se ser uma eficiente forma de fazer frente às discriminações.

Acionar tal estratégia pressupõe uma relação confiante com a sua própria sexualidade, de modo que, diante de situações de discriminação, invés do discurso pejorativo causar constrangimento ao jovem gay, será utilizado por este como contra-ataque, visando despotencializá-lo nas suas bases. Neste processo, parece ocorrer uma tomada de consciência por parte desses jovens de que podem, utilizando das mesmas táticas dos agressores, fazê-los, mesmo que por um momento, experimentar o gosto de ser oprimido. Essa mudança nos papéis costumeiramente na escola evidencia o alto grau inventivo que tal estratégia, atrelada ao “assumir-se” pode atribuir ao sujeito que dela faz uso.

Assim, foi possível perceber que deslocar o discurso do agressor tem um duplo caráter, por um lado, evidencia uma vivência legítima da sexualidade, e, por outro, denuncia a fragilidade do discurso agressor, mostrando que, a heterossexualidade pode ser tão vítima dos discursos deslegitimadores quanto à homossexualidade, e que isto pode ser feito revertendo à lógica da discriminação e questionando as bases que sustentam a heterossexualidade como único comportamento legítimo.





Referências

BAMPI, Lisete. Governo, subjetivação e Resistência em Michel Foucault. **Revista Educação e Realidade**. Jan/jun. 2002.

FÉLIZ DA SILVA, Jeane. “**Quer teclar?**”: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Faculdade de Educação. Porto Alegre: 2012.

FERRARI, Anderson. Reflexões sobre homofobia na escola. In: CASAGRANDE, Lindamir. **Igualdade de Gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. 1ª Ed. Editora UTFPR: Curitiba, 2011

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PEIXOTO, Jaime. **A produção de resistência por alunos gay no contexto da escola de ensino médio**. Dissertação de mestrado – FAE/UFMG, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

